

**Aristides de Sousa Mendes:
da caridade como graça
política transnómica**

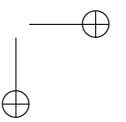
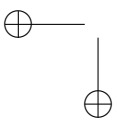
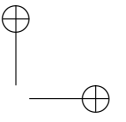
O caso do justo de Bordéus



Américo Pereira

2013

www.lusosofia.net





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2013

FICHA TÉCNICA

Título: *Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política transnómica. O caso do justo de Bordéus.*

Autor: Américo Pereira

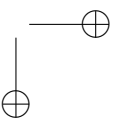
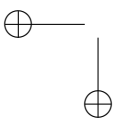
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

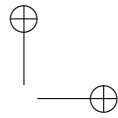
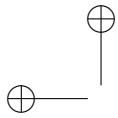
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2013





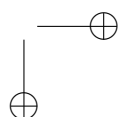
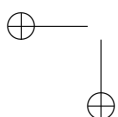
Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política transnómica

O caso do justo de Bordéus

Américo Pereira

Índice

Introdução: o contexto político da Segunda Grande Guerra Mundial	4
A situação das pessoas em fuga	9
A decisão	12
O trabalho no sentido de um bem de outro modo impossível	13
Conclusão: a bondade como prática soteriológica	14
Anexo	15



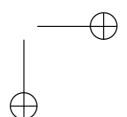
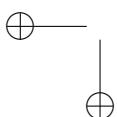


Introdução: o contexto político da Segunda Grande Guerra Mundial

Como é ou deveria ser do conhecimento geral, na sequência de uma má resolução política da Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918), em que não só as grandes questões geoestratégicas que a originaram, mas também questões culturais gerais muito mais profundas, de tipo etnocêntrico, permaneceram, o tempo que medeia entre 1918 e 1939 é um tempo de rearrumo das forças culturais, políticas, económicas e sociais gerais que travaram o primeiro grande conflito, em preparação para o subsequente, mais poderoso e de consequências muito mais graves quer em termos quantitativos quer qualitativos.

Do lado dos aliados vencedores, uma compreensível, mas perigosíssima, reacção contra tudo o que lembrasse guerra e os sofrimentos a ela associados levou a uma posição quase universal de pacifismo a todo o custo. Poucas foram as vozes que se destacaram no alerta contra esta forma utópica de encarar a vida mundana real, tudo menos pacífica e em que o lado que se considera, digamos assim, decente,¹ apesar de imperfeito, tem de poder reagir com eficá-

¹Esta «decência» humana, se facilmente definível, por exemplo, em termos religiosos cristãos – basta cumprir o mandamento de Cristo –, é de mais difícil definição em termos laicos: mas nunca se pode fugir ao sentido transcendental de um bem-comum – pelo menos como possível –, que é o melhor bem ontológico *para todos* os seres humanos presentes num determinado *topos kai kairos*. As variegadas formas de fascismo (italiano, nazi, comunista-soviético, nipónico, ...) que procuraram imperar neste altura histórica têm como elemento comum fundamental, em termos teóricos e prático-pragmáticos, precisamente a negação do bem-comum, em nome de um bem para conjuntos limitados de pes-





Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política... 5

cia total contra um eventual ataque de outro lado, menos decente, humanamente falando.

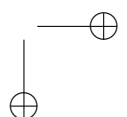
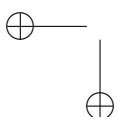
No que diz respeito às principais forças que perderam o conflito de 1914-1918, ao sentimento de que a derrota tinha sido injusta, pois, em seu entender, o inimigo não se tinha mostrado verdadeiramente superior no campo militar, acresceu o modo desastroso como tais vencedores administraram a parte política não militar do pós-guerra, humilhando, de uma forma desnecessária, os derrotados, assim os rearmamentando para posições de novo irredutíveis, irredutibilidade que tem de ser esperada de gente altiva que foi dificilmente derrotada no campo de batalha e é, em seguida, submetida a um regime de humilhação e fome, tal foi a situação em que os alemães² que vieram a apoiar Herr Hitler, que são quem aqui nos interessa, se encontraram neste período.

Não admirará, pois, que muitas destas pessoas, assim tratadas, um dia mais tarde venham a decidir fazer algo de semelhante, por vingança ou um por causa de um sentido desajustado de justiça retributiva, contra outros seres supostamente seus semelhantes, de uma forma tão arbitraria quanto aquela que sofreram. A brutalidade segue sempre a mesma irracionalidade e bestialidade da arbitrariedade.

Poucas vozes do lado dos aliados (das chamadas «democracias ocidentais», especialmente a Grã-Bretanha, a França e os Estados

soas (podendo constituir ou não a maioria), relegando os restantes seres humanos para o caixote do lixo ontológico da história humana. É esta maldade, realmente maniqueia – porque fundamentalmente ontológica, antroponológica – que torna o período entre as duas grandes guerras mundiais tão tragicamente significativo e tão especialmente perigoso para a humanidade.

²«Alemães», no sentido que o próprio Hitler lhes atribui, sentido que é o determinante para a compreensão dos acontecimentos que aqui estão em causa. Nem todos os alemães corresponderam ao perfil para eles traçado pelo autor de *Mein Kampf*: houve sempre quem soubesse respeitar a humanidade em seu sentido naturalmente transcendental à espécie, una e única, em que não há «Mensch» e «Untermensch», só mesmo «Mensch», «seres humanos», «pessoas».

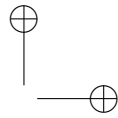


Unidos da América do Norte) se mostraram favoráveis a um tratamento mais humano dos derrotados. Homens com incontornável importância política e histórica como Thomas Woodrow Wilson (Nobel da Paz em 1919) ou Winston Spencer Churchill foram ignorados. A posição oficial de Wilson quanto às condições do pós-guerra não foi aprovada internamente nos Estados Unidos, o que fez com que as posições mais duras de iniciativa europeia triunfassem.

A Alemanha entrou num período de mais de uma década de fraqueza económica, financeira, política e social, com fortíssimo desemprego, fome, agitação social convulsiva, com constantes sacatos, conducentes a destruição e mortes. Quando o país estava, finalmente, a encetar fragilmente uma recuperação, deu-se o afundamento da Bolsa de Valores de Nova Iorque e, com o retorno forçado do dinheiro que os norte-americanos tinham recentemente começado a investir na Alemanha, este país voltou a cair num tempo de extrema penúria e desassossego político e social.

Esta fase terminou com a ascensão de Adolf Hitler ao poder, no fim de Janeiro de 1933. Este acesso culminou uma cuidadosamente planeada estratégia e carreira política que se concentrou precisamente na preparação de tal culminar, através da exploração demagógica da situação política e social vigente nos mais de dez anos anteriores. Herr Hitler soube explorar as dificuldades e o sofrimento dos povos da Alemanha, acabando por conquistar, com o apoio de uma oligarquia plutocrática, a simpatia de um número suficientemente grande de votantes para que fosse convidado para formar gabinete pelo velho e algo pusilânime Presidente Hindenburg.

Hitler implementou uma política económica de preparação infraestrutural para a guerra, que permitiu criar emprego para quase todas as pessoas, ao mesmo tempo que criava as condições gerais políticas, económicas e sociais para a deflagração de um conflito de iniciativa germânica, assim que a Alemanha estivesse preparada



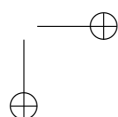
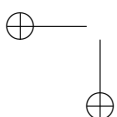
Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política... 7

para tal, o que estimava acontecer algures durante a primeira metade da década de quarenta.

O objectivo de tal guerra era a expansão do *Reich* – o reino ou império alemão – de modo a permitir o livre crescimento da “raça” propriamente alemã, às custas de todas as outras “raças”, consideradas inferiores, destinadas ou à escravatura ou à pura e simples eliminação. Encontramos um magnífico resumo da posição política de Herr Hitler nas memórias de Churchill (em anexo), que, assim, demonstrou ter bem entendido quais as reais intenções do tirano.³

Mas Hitler, homem impaciente, não esperou pela década de quarenta para começar a implementar o seu plano de expansão do *Reich*: percebendo a manifesta fraqueza política dos seus inimigos, sobretudo os ocidentais, perdidos em discussões bizantinas e incapazes de reacção pertinente, começou tentativamente a ocupar terreno. Todas as suas sucessivas iniciativas foram bem sucedidas, tendo reocupado a Renânia, ocupado a Áustria, parte da

³O que mais surpreende nos acontecimentos que originaram a Segunda Grande Guerra Mundial é que, como Churchill bem viu e bem anunciou – mesmo formalmente, em discursos à Câmara Baixa do Parlamento Britânico – tendo Hitler anunciado publicamente quais eram as suas intenções, numa obra publicada ainda na década de vinte do século passado («The first volume was published in the autumn of 1925. [...] Except for the Bible, no other book sold as well during the Nazi regime, when few family households felt secure without a copy on the table.» SHIRER William L., *The rise and fall of the third Reich. A history of Nazi Germany with a new Afterword by the author*, New York, London, Toronto, Sydney, Tokyo, Singapore, Simon and Schuster Inc, 1990, pp. 80-81), poucos tenham sido os que a tenham tomado a sério. Mas como foi possível tal acontecer, tendo em conta o que aí foi anunciado? Que estranha combinação de estupidez e de cobardia foi essa que esteve na origem de tão grande catástrofe? Até 1938, uma acção decidida das potências não-fascistas teria esmagado Hitler, que apenas soube jogar com aparências de uma força militar que não possuía, e que os serviços secretos que o vigiavam sabiam que assim era. Em 1939, já foi tarde, pois então já Hitler possuía uma máquina militar, que embora sendo inferior à dos seus eleitos inimigos, causava nestes algo analogável a um terror paralizante.



Checoslováquia e depois a Checoslováquia toda, ameaçando, em seguida, a Polónia.

Foi apenas quando da ameaça à Polónia que o Ocidente resolveu acordar e reagir adequadamente, numa altura em que a sua posição era já de manifesta inferioridade estratégica.⁴ Com a anulação do perigo de uma guerra também com a União Soviética, a leste, através de um tratado com Estaline,⁵ Hitler ficou livre para atacar a oeste da União Soviética, o que prontamente fez, esmagando a Polónia em poucos dias, ainda em 1939. Começaram aqui os problemas maiores com os refugiados, sobretudo com os refugiados de tipo cultural-rácico, e são todos os que Hitler considerava ou sub-humanos ou ocupantes de espaço destinado aos alemães, de entre os quais há que salientar os judeus, pelo seu número e relevância simbólica.

Quando a agressão militar se estendeu propriamente ao Ocidente, a partir de 10 de Maio de 1940, com a invasão da Bélgica, Holanda e França e sua rapidíssima e esmagadora derrota em pouco mais de um mês, o problema dos refugiados ganha proporções bíblicas. É neste momento cairótico que a história da humanidade vai encontrar, na paz burguesa de sua vida comum de

⁴Que não militar, em sentido estrito: as forças humanas e materiais dos possíveis inimigos do regime nazi eram muito superiores. A vantagem estratégica dos nazis residia na doutrina militar que Hitler estava disposto a empregar, sobretudo no que diz respeito às novas formas de ataque maciço com forças blindadas concentradas e altamente móveis, apoiadas por uma força aérea que tinha como missão não apenas libertar o ar da presença das forças inimigas, mas, feito isto, apoiar intensamente as operações das forças terrestres móveis, assim, podendo esmagar militarmente o inimigo num período extremamente curto, caso único na história da humanidade. Ironicamente, esta doutrina teve a sua formulação inicial na Grã-Bretanha, sobretudo às mãos do Capitão Basil Liddell-Hart, mas não teve aceitação por parte das democracias, tendo vindo a tornar-se no seu possível e, depois, quase triunfante algoz.

⁵O tratado de não-agressão entre a Alemanha nazi e a União Soviética, com o seu protocolo secreto, foi assinado no Kremlin na noite do dia 23 de Agosto de 1939.



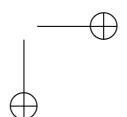
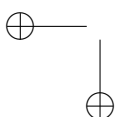
Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política... 9

diplomata numa cidade de província, o português e cristão imperfeito, como todos, Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal na cidade francesa de Bordéus, grande porto de mar, onde milhares de refugiados se dirigiram com a esperança de poderem ser transportados para fora de uma Europa que já os não queria e que seria a sua assassina, caso dela não conseguissem fugir. Convém não esquecer que tal foi o destino de cerca de doze milhões de pessoas, assim perseguidas, entre as quais, estima-se, cerca de seis milhões de judeus, sem contar com todas as outras vítimas inocentes, mortas apenas porque estavam aí onde a guerra lavrou, onde aconteceu uma guerra que não deveria ter acontecido, que deveria ter sido evitada.⁶

A situação das pessoas em fuga

São muitas as horas de película documental essas que nos mostram milhares de refugiados fugindo da morte ao longo das estradas da Europa, sendo metralhados por aviões, morrendo como formigas espezinhadas, cujos cadáveres são deixados a apodrecer ou à futura eventual piedade de quem os enterre, dado que os casuais e efémeros sobreviventes mais não podem fazer do que avançar

⁶Numa qualquer situação em que há uma agressão que poderia ter sido evitada a tempo pelo agredido, liminarmente eliminando a possibilidade de o agressor agir de forma agressiva, a responsabilidade principal, se não mesmo exclusiva, pois detém-se o absoluto do poder de anular a agressividade, reside no futuro agredido, não no futuro agressor. Assim, como teria sido possível anular a posição de Hitler, quem o não fez quando tal era possível é o responsável pelo que de tal inacção decorreu. Hitler só fez o que fez porque alguém tal permitiu. Hitler anulado em 1934, por exemplo, não teria podido fazer o que fez depois. E não há desculpas aceitáveis.





sempre, enquanto podem, na esperança de conseguirem, de algum modo, sobreviver.

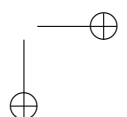
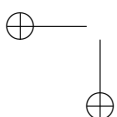
Estas pessoas perderam quase tudo o que é necessário para viver humanamente, isto é, com humana dignidade. Possuem apenas o que envergam e conseguem carregar. Estão sem país, sem lar, sem alimento e sem relação humana estável. Estão em vias de perder a sua mesma dignidade humana. Estão à total mercê de quem os queira matar, *por qualquer razão*. A sua vida depende apenas da boa ou má vontade de alguém, de um arbítrio tornado totalmente irresponsável, de facto, pela força das armas.

É difícil – e ainda bem – imaginar o que esta condição seja, mas tem de se perceber que a vida destas pessoas, nestas condições, reduzido o seu valor político e mesmo antropológico, não valia grande coisa. Aqui, concretamente, não há direitos humanos, apenas uma renovada selvajaria, em que uma duríssima lei do mais forte impera. Um sim ou um não de alguém com poder de vida e de morte decide da vida e da morte de alguém, de milhares, de milhões. Tal o caso negativo de Herr Hitler e de seus homólogos. Mas tal, também, o caso, positivo, de Aristides de Sousa Mendes.

A Bordéus chegaram milhares de pessoas precisamente nestas condições, judeus, mas não só judeus, nem principalmente judeus: *peçoas, seres humanos*, semelhantes ao próprio Aristides, que este sabia, como cristão que era, serem, tal como ele, feitos à imagem e semelhança de Deus. Ora, o que se vai decidir aqui, como em outros casos, nomeadamente o de Schindler,⁷ é precisamente o *reconhecimento da comum humanidade em todos* os seres humanos: isto que tenho, aqui presente, perante mim é ou não humano?

Se é humano, tem de ser tratado como tal, se não é humano, tem de ser tratado como tal. Se é humano, não pode ser tratado como

⁷Ver nossa obra: *O fascínio do bem. A dimensão agato-ontológica da acção*, publicada *on-line* em www.lusosofia.net, em que se estuda o papel que este nobre homem teve no salvamento de mais de mil judeus, de outro modo condenados à morte, na Polónia, na cidade de Cracóvia.

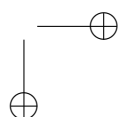
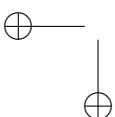




Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política... 11

se de uma coisa ou de um bicho se tratasse. Se não é humano, é uma coisa ou um bicho e pode e deve ser tratado como tal. A escolha nazi é a segunda;⁸ a escolha de Aristides de Sousa Mendes é a primeira, isto é, reconhecer naqueles seres entidades humanas e agir conseqüentemente no sentido da sua salvação. Assim sendo, resulta óbvio, para quem assim intui, que nada mais há a fazer do que *trabalhar no sentido da salvação de tais entes*, de tais pessoas. É esse o dever do cristão; o mais é espúrio.

⁸Um exemplo claro desta opção pela negação do reconhecimento do estatuto de humano a certos tipos de pessoas é ilustrado pelo processo de eliminação de crianças («eutanásia infantil») que não correspondiam aos padrões considerados aceitáveis pelo regime. Segundo a narração de Laurence Rees, após um pedido de um pai dirigido ao próprio Hitler para que o seu filho deficiente fosse abatido: «[...] the Knauer case, as it became known, prompted Hitler to authorize Brandt [seu médico pessoal] and Bouhler to deal with similar cases in the same way. There then followed a period in which doctors and other medical officials, drew up detailed criteria for children who were to be 'referred for treatment' under the new policy. [...] Forms were returned to a Reich committee, from whence they were sent to three paediatricians who acted as assessors. They marked each form with a plus sign if the child were to die, or a minus sign if the child were to survive. None of the three doctors who made the judgement saw any of the children: they decided on the information of the forms alone.», REES Laurence, *The Nazis. A warning from history*, London, BBC BOOKS, 1997, pp. 80-81. De notar o perverso sentido de universalidade aqui subjacente, pois não se trata de dividir as crianças por etnia, mas, universalmente, por conformidade com um padrão politicamente definido de humanidade, fora do qual, não há o direito de se ser: é aqui que amarra a decisão de eliminar toda a diferença, seja ela incarnada num «judeu», num «cigano», num «homossexual» ou num qualquer «deficiente». Esta decisão está ligada à divisão operada, no livro doutrinal do nazismo, entre os propriamente humanos e os outros, estes a eliminar, mais cedo ou mais tarde. Ora, Aristides de Sousa Mendes salvou cerca de trinta mil destes escolhíveis para abater.



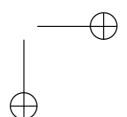
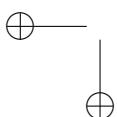


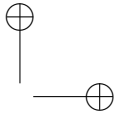
A decisão

Pensamos, depois do que já estudámos sobre este tema, que, como no caso, diferente no pormenor, mas homólogo na forma espiritual, do também imperfeito cristão e católico Schindler, o que sucedeu na crise de Aristides de Sousa Mendes foi um momento, doloroso momento, de *radical conversão ao bem*, não ao bem relativo para que os diplomatas são treinados, enquanto tais, mas ao *absoluto do bem*, precisamente como patenteado, por aquele que aceitam como o seu Criador, em cada uma de suas criaturas, mormente na humana. Se assim foi, como não agir do modo escolhido, livremente escolhido, mas ditado por uma intuição de bem a que, acontecida, já não se pode fugir? Como poderia Saulo fugir da luz do damasceno caminho? Luz que penetra as pálpebras. Como?

Perante tal evidência, *apenas a acção*, imperiosa, épica, literalmente entusiasmada, exteriormente aparentemente tresloucada, para quem assim não tinha sido metamorfoseado, *no sentido da salvação do maior número possível de pessoas faz sentido*. Apenas este gesto cumpre o que se acredita ser o desígnio salvífico do Criador para com as suas criaturas, na evidência da preservação daquilo que é o maior bem possível que a inteligência humana, assim metamorfoseada, é capaz de intuir. A preservação da vida destas pessoas é um acto litúrgico de serviço ao bem da criação e de louvor ao seu Criador. O seu bom sucesso parece ter demonstrado a bondade do empreendimento.

Diz-se que tirar uma vida dá um sentimento de poder ilusoriamente infinito, então, que poder se sentirá ao saber-se que se está a *salvar* uma vida, no que é uma forma de recriação? E se tal acto for multiplicado por milhares? Deve ser inebriante, mas não num sentido meramente psicológico, antes verdadeiramente espiritual, pois positivamente pragmático: no seio do trabalho destruidor da guerra, trabalhar quasi-genesiacamente, repossibilitando um bem precarizado, é trabalho de amor, é exercício de uma caridade que





Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política... 13

aproxima a criatura que assim labora do mesmo acto transcendente de Deus criador.

Neste labor entusiasmado, não há lugar ou tempo para considerações mundanas: que vale a voz dos homens perante este labor ancilo-providencial? De que servem as ameaças, como pode haver medo, se se está, em nome do céu – assim se acredita –, às portas de um mundano inferno antecipado, carimbando salvo-condutos que impedem o injustíssimo ingresso nesse mesmo inferno?

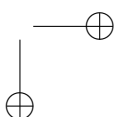
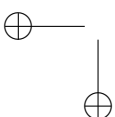
O trabalho no sentido de um bem de outro modo impossível

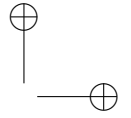
Como é óbvio, nestas cairóticas situações, não há propriamente lugar ético e político para hesitações prolongadas: é o tempo absoluto que o Evangelho define, nas palavras do próprio Cristo, como o momento do sim ou do não, sendo a hesitação imediatamente maligna.

Se não pode haver hesitação, se se quer servir o único Senhor digno de ser servido, que é o Senhor do bem, também não pode haver escolha que não seja pelo mesmo bem, por Deus. O mais é maligno.

Ora, tal é o momento do *discernimento*. O momento da descoberta intuitiva do bem, do maior bem possível de que se é capaz, não em geral, não num tempo qualquer, mas neste tempo, nesta situação, com os meios ao dispor, pois não há outro tempo e não há outros meios.

Que é o bem? Esse bem de que sou maximamente capaz nesta situação? Foi esta questão que Aristides de Sousa Mendes teve de se pôr e à qual teve de responder. Sabemos qual o teor da sua resposta: criar a possibilidade de salvação para cerca de trinta mil



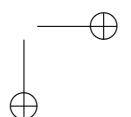
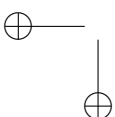


peçoas. Se se salvaram todas ou não e para que se salvaram não é questão que importe a Aristides de Sousa Mendes, pois tal está manifestamente fora de seu alcance ontológico, portanto, ético e político. Ele não detém um poder intuitivo infinito em acto, não é Deus, *tem de responder à situação finita em que se encontra* e é isso que faz e faz permitindo o maior bem possível naquele momento. Faz o que deve, mas faz maximamente o que pode, e, assim, não deve mais do que o que pode, mas o que pode é imenso e o que deve segue esta mesma grandeza e o que realiza partilha de tal imensidade.

Conclusão: a bondade como prática soteriológica

No sentido da imitação de Cristo, em cada possível acto de cada ser humano, abre-se o absoluto da possibilidade de introduzir bem no sucessivo curso da criação. Ou não. A escolha e o que dela decorre são absolutos. Cada acto pode permitir a continuidade de um bem próprio e que deveria ser inalienável ou não. *O mal é esta radical impossibilitação de possibilidades ontológicas próprias*, de um bem próprio, que coincide com o próprio ser possível para cada ente. No seio do que é uma possível comunidade humana, o bem próprio de cada um ente incorpora a possibilidade do mesmo bem de todos e cada um dos outros. Só assim o meu bem próprio pode aceder ao máximo humano possível, contemplando o máximo humano possível para todos. Este é o reino do amor, da caridade e da paz.

Ora, é este mesmo possível caminho de transcendental paz, por via da não-anulação da possibilidade própria de cada ser humano em súplica perante si, em súplica *pela sua mesma possibilidade*, que Aristides de Sousa Mendes promove, no que é uma lição de



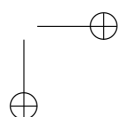
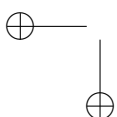


Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política... 15

bondade por parte de um ser humano como todos imperfeito, mas que teve a intuição da bondade máxima que lhe era possível e a coragem de a pôr em prática, apenas perante Deus e Deus na sua consciência, dando a Deus o que é seu absolutamente e a César o que é dele. Mas César, por maior que pareça ou se julgue, é infinitamente mais pequeno do que Deus e tem merecimento assim relativo. Aristides de Sousa Mendes não é apenas um justo, é alguém que elevou a justiça ao altar da caridade, onde se transforma em amor.

Anexo

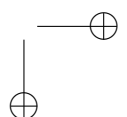
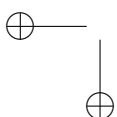
Independentemente da data em que este texto aqui transcrito tenha conhecido formalmente o seu nascimento, mesmo que tenha sido composto ou rearranjado depois da Segunda Grande Guerra Mundial, a prática discursiva de Churchill ao longo da década de trinta, após a ascensão ao poder do Chanceler Hitler, num crescente de força, no que diz respeito à chamada de atenção para o perigo que a presença de tal homem no comando político da Alemanha constituía, manifesta uma atenção política ímpar e muito precoce a esta questão e uma vontade de acção no sentido da reposição de um precário equilíbrio que, não sendo situação perfeita, pelo menos, evitava males maiores. Parece incontestável que Churchill percebeu desde muito cedo qual o programa político de Herr Hitler, elencado, claramente, segundo Churchill, na sua obra doutrinária-estratégica para o seu novo *Reich*. Como é evidente, se as chamadas «democracias ocidentais» tivessem prestado a devida atenção ao programa hitleriano ou às chamadas de atenção de Churchill, teriam eliminado esta ameaça logo no seu perverso berço, poupan-





do à humanidade muito «sangue, suor e lágrimas».⁹ Mas tal não foi feito. Eis o resumo que Churchill fez do programa político de Hitler:

⁹*Blood, sweat and tears* é o título de uma obra de Churchill que recolhe discursos seus de 1938, 1939, 1940 e 1941. Os discursos de 1938 e alguns de 1939 terminam a sequência dos discursos pré-guerra em que Churchill denunciava o que se passava na Alemanha e o perigo que tal constituía. Neste volume, encontram-se peças fundamentais de alerta como, entre outras, «The air defenses of Britain» ou «The fruits of Munich» (CHURCHILL Winston Spencer, *Blood, sweat and tears*, Safety Harbour, Simon Publications, 2001, X + 462 pp.



1. Texto de Churchill sobre s mula te rica da ideologia nazi¹⁰

«The main thesis of *Mein Kampf* is simple. Man is a fighting animal; therefore the nation, being a community of fighters, is a fighting unit. Any living organism which ceases to fight for its existence is doomed to extinction. A country or race which ceases to fight is equally doomed. The fighting capacity of a race depends on its purity. Hence the need for ridding it of foreign defilements. The Jewish race, owing to its universality, is of necessity pacifist and internationalist. Pacifism is the deadliest sin, for it means the surrender of the race in the fight for existence. The first duty of every country is therefore to nationalise the masses. Intelligence in the case of the individual is not of first importance; will and determination are the prime qualities. The individual who is born to command is more valuable than the countless thousands of subordinate natures. Only brute force can ensure the survival of the race; hence the necessity for military forms. The race must fight; a race that rests must rust and perish. Had the German race been united in good time it would have been already master of the globe. The new Reich must gather within its fold all the scattered German elements in Europe. A race which has suffered defeat can be rescued by restoring its self-confidence. Above all things the Army must be taught to believe in its own invincibility. To restore the German nation the people must be convinced that the recovery

¹⁰CHURCHILL Winston Spencer, *The second world war. Volume I. The gathering storm*, Boston, New York, Mariner Books, Houghton Mifflin Company, s. d., pp. 50-51 (tradu o nossa).

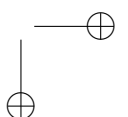
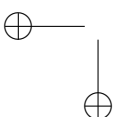
of freedom by force of arms is possible. The aristocratic principle is fundamentally sound. Intellectualism is undesirable. The ultimate aim of education is to produce a German who can be converted with the minimum training into a soldier. The greatest upheavals in history would have been unthinkable had it not been for the driving force of fanatical and hysterical passions. Nothing could have been effected by the bourgeois virtues of peace and order. The world is now moving towards such an upheaval, and the new German State must see to it that the race is ready for the last and greatest decisions on this earth. Foreign policy may be unscrupulous. It is not the task of diplomacy to allow a nation to founder heroically, but rather to see that it can prosper and survive. England and Italy are the only two possible allies for Germany. No country will enter into an alliance with a cowardly pacifist State run by democrats and Marxists. So long as Germany does not fend for herself, nobody will fend for her. Her lost provinces cannot be regained by solemn appeals to Heaven or by pious hopes in the League of Nations, but only by force of arms. Germany must not repeat the mistake of fighting all her enemies at once. She must single out the most dangerous and attack him with all her forces. The world will only cease to be anti-German when Germany recovers equality of rights and resumes her place in the sun. There must be no sentimentality about Germany's foreign policy. To attack France for purely sentimental reasons would be foolish. What Germany needs is increase of territory in Europe. Germany's pre-war colonial policy was a mistake and should be abandoned. Germany must look for expansion to Russia, and especially to the Baltic



States. No alliance with Russia can be tolerated. To wage war together with Russia against the West would be criminal, for the aim of the Soviets is the triumph of international Judaism. Such were the “granite pillars” of his policy.»

Tradução:

«A tese principal de *Mein Kampf* é simples. O homem é um animal lutador; assim sendo, a nação, sendo uma comunidade de lutadores, é uma unidade de combate. Qualquer organismo vivo que cesse de lutar pela sua existência está condenado à extinção. País ou nação que cessem de lutar estão igualmente condenados. A capacidade de luta de uma raça depende da sua pureza. Daqui, a necessidade de a libertar de conspirações vindas do exterior. A raça judaica, devido à sua universalidade, é, por necessidade, pacifista e internacionalista. O pacifismo é o mais mortal dos pecados, pois significa a rendição da raça na luta pela existência. O primeiro dever de qualquer país é, assim, o de nacionalizar as massas. A inteligência, no caso do indivíduo, não é de primeira importância; vontade e determinação são as qualidades principais. O indivíduo que nasceu para comandar é mais valioso do que os incontáveis milhares de naturezas subordinadas. Apenas a força bruta pode assegurar a sobrevivência da raça; daqui, a necessidade de uma matriz militar. A raça deve lutar; uma raça inactiva deve enferrujar e perecer. Se a raça Alemã tivesse estado unida em devido tempo, já seria senhora do globo. O novo Reich deve recolher no seu seio todos os elementos Alemães dispersos pela Europa. Uma raça que sofreu a derrota



pode ser salva através da restauração da sua confiança em si própria. Acima de todas as coisas, o Exército deve ser ensinado a acreditar na sua mesma invencibilidade. Para restaurar a nação Alemã, o povo deve estar convencido de que a recuperação da liberdade pela força das armas é possível. O princípio aristocrático é fundamentalmente correcto. O intelectualismo é indesejável. O fim último da educação consiste em produzir um Alemão que possa ser convertido, com um mínimo de treino, num soldado. As grandes sublevações na história teriam sido impensáveis não fora a força motriz das paixões fanáticas e histéricas. Nada poderia ter sido efectuado pelas virtudes burguesas de paz e ordem. O mundo está presentemente a mover-se no sentido de uma tal sublevação, e o novo Estado Alemão deve proceder de modo a que a sua raça esteja pronta para as derradeiras e mais grandiosas decisões sobre esta terra. A política externa deve ser totalmente sem escrúpulos. Não é tarefa da diplomacia permitir que uma nação se afunde heroicamente, mas, antes, proporcionar que possa prosperar e sobreviver. A Inglaterra e a Itália são os dois únicos aliados possíveis para a Alemanha. Nenhum país entra para uma aliança com um Estado cobardemente pacifista, dirigido por democratas e Marxistas. Se a Alemanha não esgrimir em seu próprio benefício, ninguém o fará por ela. As suas províncias perdidas não podem ser recuperadas por meio de solenes apelos ao Céu ou de piedosas esperanças postas na Liga das Nações, mas apenas através da força das armas. A Alemanha não deve repetir o erro de lutar contra todos os seus inimigos ao mesmo tempo. Deve isolar o mais perigoso e atacá-lo com todas as suas forças. O mundo só deixará



Aristides de Sousa Mendes: da caridade como graça política... 21

de ser anti-Alemão quando a Alemanha recuperar a igualdade de direitos e retomar o seu lugar ao sol. Não deve haver qualquer sentimentalismo relativamente à política externa da Alemanha. Atacar a França por causa de razões puramente sentimentais seria uma tolice. Do que a Alemanha precisa é de um aumento de território na Europa. A política colonial anterior à guerra foi um erro e deve ser abandonada. A Alemanha deve procurar expandir-se para a Rússia, especialmente para os Estados Bálticos. Nenhuma aliança com a Rússia pode ser tolerada. Travar guerra em conjunto com a Rússia contra o Ocidente seria criminoso, pois o objectivo dos Soviéticos é o triunfo do Judaísmo internacional. Tais eram os “pilares de granito” da sua política.».

